

A FILOSOFIA EM JOSÉ SARAMAGO

THE PHILOSOPHY IN JOSÉ SARAMAGO

LA FILOSOFÍA EN JOSÉ SARAMAGO

Miguel Real

Universidade de Lisboa

ABSTRACT

The three philosophical visions of the world of José Saramago are identified: a naturalistic and evolutionary vision in youth; a marxist vision initiated in the decades of 60 and 70; and, after the implosion of the Soviet Union, a humanistic vision centered on the defense of human rights. The evolution of the concept of God in Saramago's work is also analysed.

Key words: Saramago novels; Naturalism and Evolutionism; Marxism, Humanism, God.

RESUMO

Identificam-se e analisam-se as três visões filosóficas do mundo de José Saramago: uma visão naturalista e evolucionista na juventude; uma visão marxista iniciada nas décadas de 60 e 70; e, após a implosão da União Soviética, uma visão humanista centrada na defesa dos Direitos Humanos. Analisa-se igualmente a evolução do conceito de Deus na obra de Saramago.

Palavras chave: Romances de Saramago; naturalismo e evolucionismo; marxismo; humanismo, deus.



RESUMEN

Se identifican y se analizan las tres visiones filosóficas del mundo de José Saramago: Una visión naturalista y evolucionista en la juventud; una visión marxista iniciada en las décadas del 60 y 70 y, después de la implosión de la Unión Soviética, una visión humanista centrada en la defensa de los Derechos Humanos. Se analiza igualmente la evolución del concepto de Dios en la obra de Saramago.

Palabras clave: Romances de Saramago; naturalismo e evolucionismo; marxismo; humanismo, Dios.

Fecha de recepción: 15 de noviembre de 2019.

Fecha de aceptación: 5 de diciembre de 2019.

Cómo citar: Real, Miguel (2019): «A filosofía em José Saramago», en *Actio Nova: Revista de Teoría de la Literatura y Literatura Comparada*, Monográfico 3: 1-16.

DOI: <https://doi.org/10.15366/actionova2019.m3.001>

1. INTRODUÇÃO

Não sendo um filósofo e não possuindo estudos académicos deste ramo do saber, as reflexões filosóficas de José Saramago devem ser detectadas através de referências ínsitas na sua obra romanesca e nos seus diários.

Neste sentido, constata-se que o pensamento filosófico de Saramago sofreu uma evolução em três momentos importantes e sucessivos, desenhando, não três sistemas de filosofia, mas três visões filosóficas do mundo: 1. – manifesta uma visão naturalista e evolucionista aquando da publicação do seu primeiro romance, em 1947, *Terra do Pecado*; 2. – ostenta explicitamente a adesão a uma visão marxista nas décadas de 1960 e 1970, vinculando o quadro geral do seu pensamento até à morte, e, em termos de fundamentação histórica (concepção materialista do mundo, luta de classes, relações de produção...), encontra-se expresso sobretudo nos romances *Levantado do Chão* (1980) e *Memorial do Convento* (1982), mas também nos restantes romances da década de 80; 3. – após a queda do Muro de Berlim, em 1989, e da implosão da União Soviética, em 1991, Saramago, sem nunca negar o marxismo, enceta uma aproximação a uma filosofia Humanista centrada na defesa dos Direitos humanos, de que dá conta no seu discurso em Estocolmo aquando da recepção do Prémio Nobel em 1998, bem como nos estatutos da Fundação José Saramago, criada em 2007.

Transversal aos três momentos, afirmando-se como uma âncora permanente do pensamento de autor e, não raro, um quadro categorial onde inscreve a trama dos seus romances, um contínuo Ceticismo filosófico, transbordado em Pessimismo sobre a essência do homem, suavizados, porém, na última década de vida, pela defesa Humanista dos Direitos Humanos.

2. PRIMÍCIAS PRÉ-FILOSÓFICAS: «COMO SERÃO AS COISAS QUANDO NÃO ESTAMOS A OLHAR PARA ELAS?»

Saramago confessa que em criança fazia «muitas vezes» a si próprio esta pergunta: «como seriam as coisas quando não estamos a olhar para elas» (Saramago, 2017a: 95), não a pais e professores, porque pressentia «que eles sorririam da minha ingenuidade (ou da minha estupidez segundo uma opinião mais radical)». Imaginava que poderia usar uma máquina

fotográfica, disparada automaticamente, para apanhar as coisas sem estarem maculadas pelo olhar humano, mas, mesmo assim, restaria o seu «lado oculto» à lente da câmara. Saramago conclui que «ainda hoje [em adulto] não me parece absurda» (*Ibid.*: 94) esta questão, não como excesso de imaginação ou fantasia infantil, mas como necessidade de conhecer a realidade «nua e sincera aos nossos olhos, sem disfarce» (*Ibid.*: 96).

Esta confissão evidencia-se como um dos sinais do despertar de uma consciência curiosa do mundo no sentido de conhecer, não a superfície sensível e aparente da realidade, mas a sua essência profunda e permanente. Será sempre este o espírito analítico e inquiridor de Saramago que, prestando forma e motivo aos seus romances, conhecerá um dos seus momentos máximos em *A Caverna* (2000), actualizando e glosando a famosa «Alegoria da Caverna» d'*A República* de Platão, registada dois mil e quinhentos anos antes, concluindo cepticamente, ao modo do filósofo grego, que, hoje, os «escravos», os que vivem no reino da «doxa» (opinião), são justamente as grandes massas frequentadoras dos centros comerciais.

3. O EVOLUCIONISMO CÉPTICO EM *TERRA DO PECADO*

Em *Terra do Pecado* (1947) são citados dois filósofos: Sócrates e o seu conhecido apotegma «Só sei que nada sei» e o pensador inglês naturalista e evolucionista Herbert Spencer (1820 – 1903), cuja obra é abundantemente citada pelo Dr. Viegas, uma das principais personagens.

Com efeito, do ponto de vista da filosofia, é a questão moral (mais correctamente, a questão ética, de que a moral é expressão social) que atravessa mais fundamente todo este romance de jovem Saramago. Dominante em todas as páginas deste romance um profundo cepticismo sobre a capacidade regenerativa do homem em ordem a uma generalizada e consensual prática do bem, considerando-se eticamente o homem um ser malévolo que apenas a sociedade, através da lei, pode suavizar ou corrigir.

É marcante no Dr. Viegas a mentalidade decadentista de um certo laxismo moral ou uma certa indiferença ou insensibilidade face às morais absolutistas marcadas pela noção transcendente de «dever», como as que estão intimamente ligadas à religião.

Assim, os novos quadros mentais relativistas do século XX, a prática empírica e experimental da ciência médica e a experiência de vida do já viúvo Dr. Viegas ensinaram-lhe que a moral reside apenas numa película de civilidade criada pelo hábito social, película que,

impedindo uma violência mútua, força os homens a comportamentos de partilha de conveniências.

Em certas passagens, o narrador deixa entrever a origem genealógica da moral, reenviando freudianamente (diríamos hoje, mas duvidamos que Saramago, pelas leituras que diz ter frequentado, conhecesse a obra de Freud aos 20 anos) para a repressão racional sobre as forças impulsivas do corpo como base filosófica do surgimento da moral. Diz Maria Leonor, outra personagem importante do romance: «Eu era juguete das forças naturais do sexo, as mais misteriosas forças da vida, que são o anseio íntimo para a imortalidade dos deuses. Foi pensando isto que me acalmei: desde que fora tudo consequência duma causa de que me não era possível defender, sentia-me irresponsável como o cavalo que alguém guia para um abismo (Saramago, 1997:183).

Moldagem formativa da educação da mulher em função de um mundo eminentemente masculino, repressão/recalcamento de instintos femininos como compensação da ascensão normalizada da mulher ao mundo patriarcal, a mulher, a exemplo de Maria Leonor, se porventura atinge o estatuto de senhora (por viuvez, por exemplo, como no caso em apreço), nunca deixa no entanto de ser serva entre os homens (fora a experiência de Saramago na sua terra natal, Azinhaga, e nos bairros pobres de Lisboa, onde crescerá). Assim, circunscrita opressivamente entre duas famílias de um comum mundo, representadas no romance pelo pai e pelo marido, e, a um nível social inferior, pela moral popular tradicional do senso comum, representada por Benedita, a criada, Maria Leonor auto-terroriza a sua existência de viúva, ferida pelo sentimento de remorso, mas sexualmente desejosa de outro corpo: «E então, diante da sua imaginação exaltada, ergue-se, inteiro e acusador, o fantasma do marido. Era o remorso. Era o deus das noites dos culpados que lhe surgiu com os cabelos brancos tingidos de sangue e de fel, com a boca rasgada de orelha a orelha, por onde saíam ao mesmo tempo as súplicas, as pragas, os gritos, as maldições e o silêncio (*Ibid.*: 198).

Assim, como se constata, o núcleo ideológico fundamental de *Terra do Pecado* reside justamente na tematização/problematização da moral social tal como ela é interiorizada individualmente enquanto reguladora de comportamentos normalizadores, mas - também e sobretudo - na origem funda e principal de toda a moral, ou seja, corresponde a uma profunda interrogação filosófica sobre a necessidade da existência de uma moral para que o homem possa sobreviver em sociedade. Por isso, o vector ou a ideia-força que atravessa as relações constituídas entre homem/mulher, senhor/servo, ateu/religioso, urbano/rural,

constituindo-se como centro invisível da constelação ideológica que molda *Terra do Pecado* é, de facto, a questão da *essência da moral*. À semelhança das obras maduras de Saramago, o narrador deste romance, tematizando a moral vigente em Miranda e Quinta Seca (e, analogicamente, em todo o país), não a questiona procurando uma justificação compreensiva limitada à actualidade histórica, mas, diferentemente, procura-a na sua origem mais radical que é a origem de todo o acto de civilização e de cultura - o que teria acontecido quando os primeiros homens se encontraram uns frente aos outros, homem contra homem, homem contra mulher, horda contra horda, clã contra clã? O jovem Saramago, face a esta interrogação por si própria levantada, que o autor, já maduro, repetirá timidamente em *1993* (1975) e hipostasiadamente em *Ensaio sobre a Cegueira* (1995), responde um pouco hesitantemente a partir de uma dupla vertente filosófica: com as teorias do britânico Herbert Spencer e do grego Sócrates.

De Spencer, filósofo inglês de expressão naturalista, Saramago recolhe os princípios gerais da sua teoria evolucionista fundada no desenvolvimento oitocentista das ciências físicas e biológicas, crente de que tudo se reduz a matéria e movimento. Spencer postula que as sociedades se organizam espontaneamente ao modo da organização biológica multifacetada dos corpos vivos, partindo de substâncias e organismos simples para organismos superiores num crescente de complexidade estrutural. Assim, por exemplo, lexemas como «fácil/facilidade» e «simples/simplicidade» surgem em *Terra do Pecado* como referentes explícitos da filosofia spenceriana enquanto indicadores da evolução complexificante da vida desde os seus momentos primitivos até à actualidade. Dr. Viegas, constatando como os jovens João, Dionísio e Júlia estavam zangados e rapidamente tinham feito as pazes, confessa a Maria Leonor: «Estes, como estão mais perto das cavernas, ainda resolvem as questões com facilidade [sublinhado nosso]. Já não se socorrem do machadinho de sílex, mas ainda não se esgatanham e decompõem.» (*Ibid.*: 252). Um pouco antes, a mesma personagem insiste na teoria da «simplicidade» natural da vida e no recalçamento civilizacional posterior a que a evolução social conduziu as forças instintivas do corpo: «Estava a pensar na minha teoria da simplicidade [sublinhado nosso] da vida e na inveja louca que tenho do apuro a que os homens das cavernas a tinham levado! Naquele tempo, era a grande Natureza a senhora de tudo. (...) Então, a machadinha de sílex resolvia quase todos os problemas e dificuldades. O pior foi que a evolução do Spencer deu cabo de tudo!» (*Ibid.*: 248).

Aliás, na página 183, a própria Maria Leonor pede ao Dr. Viegas que lhe traga do

escritório o livro *Os Primeiros Princípios*, de Spencer. Este livro de Spencer evidencia a ausência de transcendência para além da morte e subsume as preocupações existenciais humanas no reino geral da sobrevivência de toda a forma de vida animal, e prestam-se a Maria Leonor «de qualquer coisa que me dê a certeza da minha mesquinhez» (*Ibid.*: 183); ou seja, face a uma metafísica evolutiva que ostenta o nada que a cada instante histórico a existência humana é, como uma entre muitos elos na cadeia evolutiva que existira antes do aparecimento do Homem e que necessariamente prosseguirá depois do desaparecimento deste, Maria Leonor consola-se interiorizando estes princípios filosóficos de um cepticismo moral total, que furtam da vida não só a explicitação de um sentido transcendente, mesmo que artificial, mesmo que ilusório, como igualmente fazem desabar sobre a consciência de Maria Leonor a plena inutilidade de toda a acção: cada um de nós é apenas mais um elo de uma cadeia que, conosco ou sem nós, continuará o seu ritmo inexorável. Assim, face a este cepticismo sobre o sentido da vida e os princípios ético-morais, o que restará? « [Resta] ...aguentar a vida enquanto a morte não chegar» (*Ibid.*: 40), tentar não complicar a vida, princípio básico da moral céptica: «nós complicamos extraordinariamente a simplicidade [sublinhado nosso] da vida! Como nós atribuímos ao simples [sublinhado nosso] correr dum elo da cadeia [uma vida humana, por exemplo] uma importância tão grande, minha filha» (*Ibid.*: 41).

O mesmo Dr. Viegas, num outro contexto narrativo, proclama a Maria Leonor idênticas conclusões filosóficas de carácter plenamente céptico: «Viver, já to disse, é uma operação simples [sublinhado nosso], que a sociedade, as convenções, a maldade dos homens complicam diariamente com emoções, sentimentos, desgostos, esperanças, desilusões e tristezas. Infelizmente é assim e não pode deixar de ser assim. (...) Somos como que um degrau onde se apoiam os pés dos que nós ajudamos a viver» (*Ibid.*: 77).

Segundo esta visão naturalista e evolucionista, louvada pelo jovem Saramago em *Terra do Pecado*, a vida, em si, na sua naturalidade, é simples de viver e fácil de entender - um simples mecanismo biológico que funciona como totalidade orgânica, retirando vitalidade tanto de cada uma das suas partes quanto do conjunto das suas inter-relações, como um relógio cuja «corda», no caso da vida do Dr. Viegas, «dura há quase cinquenta e cinco anos» (*Ibid.*: 269). Se a vida natural é simples, a vida social não só é «complicada» como, principalmente, perversa, levantando contínuos alçapões psicológicos e contínuos entorses morais e sociais.

No jovem Saramago de *Terra do Pecado*, este confronto filosófico entre a concepção rousseauiana do homem natural, como ser genuinamente bom, e a concepção hobbesiana

do homem social como lobo do homem, é acompanhado não já de um relativo cepticismo, mas de um total e absoluto cepticismo presente no Dr. Viegas: «E então? Admiras-te que, um dia, quando a Terra estiver esgotada de tudo, quando do solo já não sair mais que ossos e pedras, restos de gerações e civilizações, os outros, os futuros, deixem o cadáver inútil deste planeta para procurar novos lares no Infinito? (...) [a que responde Maria Leonor]: «Pois eu tenho ideias diferentes acerca disso a que chama final de acto. Penso que a humanidade futura não terá meios, nem possibilidades, nem forças, para fugir ao seu destino de vencida. E então, o final do acto será a Terra continuando a girar no espaço levando no dorso um carregamento de cadáveres até que o empresário se resolva a tirar a peça da cena ... » (Ibid.: 186-187).

O problema filosófico maior ou o núcleo essencial do cepticismo em *Terra do Pecado* reside justamente na inexistência de «empresário», ou seja, de Deus. No centro deste nada ideológico vazio de esperança, e de modo a consolidar a visão céptica do homem, surge o segundo filósofo citado por Saramago em *Terra do Pecado*: Sócrates: «...A única coisa que sei é que nada sei! Recorda-se de quem disse isto?» (Ibid.: 126). É a conclusão céptica.

4. O CEPTICISMO ENTRE *TERRA DO PECADO* E *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*

Constata-se assim que entre o cepticismo absoluto do jovem Saramago em *Terra do Pecado* (1947) e o absoluto cepticismo patente em todos os romances desde *Ensaio sobre a Cegueira* (1995), todos do último Saramago, desenham-se cinquenta anos de obra literária que pode ser graficamente representada como um círculo fechado entre dois pontos de absoluto cepticismo, cujo meridiano consiste fundamentalmente na *esperança* que o adulto José Saramago criou escrevendo, com o entusiasmo da ideologia materialista, *Levantado do Chão* e *Memorial do Convento* e os restantes romances da década de 80.

Se *Terra do Pecado*, partindo da actualidade, tenta remontar aos momentos originários da sociedade, captando os instantes iniciais fundadores da moralidade humana, que recorrentemente se repetem através dos tempos, de geração em geração, em *Ensaio sobre a Cegueira* o caminho é justamente o de constatar que toda a moral é não só ilusória como arbitrária e que basta um simples aleijão histórico (neste caso, uma epidemia de cegueira) para o homem retornar à condição de puro animal, erigindo a sobrevivência, se necessária matando e violentando, como único critério de moralidade. Tal como toda a sólida estrutura

mental religiosa de Maria Leonor cede perante os impulsos animalescos da carne, assim também toda a sociedade moralista, todas as regras e convenções, todas as tradições, desabam face à epidemia de cegueira branca no segundo romance referido.

Em ambos os livros, o do jovem e os do último Saramago, a certeza é a mesma relativa ao carácter ilusório de todas as fundações humanas da moral e da ideologia social e a mesma radical dúvida céptica sobre a existência de qualquer sentido exclusivo para a vida humana. No último Saramago, porém, como veremos, resta a esperança da transformação da sociedade no sentido de uma mais ampla e melhor justiça social, como o discurso de Estocolmo revela e os estatutos da Fundação José Saramago (2007) deixam entrever.

5. A VISÃO FILOSÓFICA MARXISTA

Em 1969, em tempo de censura e de repressão política do regime do Estado Novo, José Saramago adere ao Partido Comunista Português (Aguilera, 2008: 66). Só em 1974/75, portanto, Saramago pôde escrever em liberdade. Neste sentido, no prefácio à primeira edição de *Apontamentos* (compilação de editoriais publicados em 1975 no *Diário de Notícias*, de que fora subdirector), o autor revela que todos os seus textos publicados ao longo desse Verão tinham como sentido maior «pôr o jornal ao serviço das classes trabalhadoras, ao serviço do proletariado industrial e agrícola, ao serviço do socialismo para dizer tudo numa só palavra» (SARAMAGO, 1990: 185), ou, dito de outro modo, sob a sua direcção «o *Diário de Notícias* era reconhecido pela classe operária e pelos trabalhadores em geral como jornal do povo» (*Ibid.*: 186).

Ainda que o seu livro de contos *Objecto Quase* (1978) seja introduzido por uma epígrafe retirada do livro *A Sagrada Família* de Marx e Engels: «Se o homem é formado pelas circunstâncias, é necessário formar as circunstâncias humanamente» (Saramago, 1984: epígrafe), nos diversos contos, porém, não se detecta a expressão de uma filosofia marxista, que, como referimos, animará o quadro geral da escrita dos dois primeiros romances da década de 80: *Levantado do Chão* e *Memorial do Convento*.

Com efeito, romances eminentemente estéticos, que superam categorias históricas para se afirmarem como expressão do novo e singularíssimo estilo do autor, ambos, porém são enquadrados por categorias do materialismo histórico: a luta de classes, a religião e a ideologia como formas de alienação popular, a exploração das classes trabalhadoras por elites

especulativa e perversamente enriquecidas, blouenado a mobilidade social, a infra-estrutura económica submetida à super-estrutura jurídica do poder do Estado, a luta das forças progressistas contra as forças reaccionária. *Levantado do Chão* aborda a revolta dos operários agrícola no Alentejo contra os proprietários dos latifúndios e *Memorial do Convento* a força propulsora dos trabalhadores da «Ilha da Madeira», simbolizados em Baltazar Mateus, e das forças progressistas da ciência (Bartolomeu de Gusmão), da arte (Domenico Scarlatti) e de um sagrado vivido naturalmente (Blimunda) contra as forças reaccionárias do poder de Estado (D. João V).

Nos restantes romances desta década encontramos referências ao quadro mental marxista de Saramago: em *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984), a denúncia do regime opressivo do Estado Novo; em *A Jangada de Pedra* (1986), a denúncia de uma Europa capitalista e o louvor a uma união ibérica dos povos, conjugada com os povos dos seus antigos impérios no Atlântico; em *História do Cerco de Lisboa* (1989), a denúncia (o «Não» do revisor Raimundo Silva) contra o permanente poder opressivo do estrangeiro (os Cruzados) sobre Portugal; finalmente, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (já de 1991), a crítica à religião cristã como malignamente enformadora da mentalidade do homem europeu.

6. CAIM OU O CEPTICISMO ELEVADO A MÁXIMO PESSIMISMO

Caim (2009), o último romance publicado em vida do autor, um pequeno volume mas singular e precioso por nele Saramago exprimir de um modo absoluto e transparente a sua visão do mundo e a sua oficina de escrita. *Caim* é igualmente o cúmulo da «fase da pedra» (Saramago, 2013) iniciada em *Ensaio sobre a Cegueira*, na qual minimiza os contextos históricos, valorizados na anterior fase, a da «estátua», que atravessa toda a sua obra da década de 1980.

Em *Caim*, aprofunda-se um tema de certo modo obsessivo na sua obra: a natureza de deus, escrito com minúscula inicial neste romance, também conhecido pelo «senhor» (primeira frase). Em *Terra do Pecado*, o Dr. Viegas considera deus como inexistente, mas auxiliar precioso do homem, suavizando-lhe os tormentos da vida (visão naturalista, evolucionista e positivista); em *Levantado do Chão* e *Memorial do Convento*, deus, representado pela Igreja Católica, tinha estabelecido uma aliança com os latifundiários do Alentejo e do Ribatejo e com a Corte de D. João V para conter a revolta dos trabalhadores e justificar a vida miserável dos pobres (visão marxista); em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991), a visão

marxista claudica e desaparece a naturalista. Mais do que inexistente, que pressuporia ser uma ideia inócua, deus, apresentado como pavoroso, agradado de sacrifícios e tormentos, comete acções malignas (a matança dos meninos de Belém, por exemplo), torna-se uma ideia bem real e o fundamento de todo o mal, tendo um único objectivo na sua existência, a que submete a criação do próprio diabo, um seu alter-ego: a ampliação do seu Poder; para tal, martiriza o seu filho, Jesus, com o único fito de engrandecer e expandir o seu poder sobre os homens, criando uma nova religião (o cristianismo), que se estenderia por todo o mundo, deixando de ser o deus dos judeus para se tornar o deus de toda a humanidade. Em *In Nomine Dei* (1993), Saramago expõe que na Europa Moderna as igrejas católicas e protestantes (anabaptistas) reflectem a verdadeira face de deus como criador de todo o mal.

Assim, n' *O Evangelho* e *In Nomine Dei* deus é apresentado como o autor do mal, é, ele próprio, a representação pura do mal, mal ontológico, antropológico, mal social, mal individual – dele emanaria a totalidade do mal, concluindo-se que, criado à sua imagem e semelhança, o homem é, por natureza, um ser malévolos. No homem, o mal e o desejo do mal seriam permanentes e o bem um estado provisório. O bem é um arranjo que se mantém, um equilíbrio instável que perdura, um estado donde advêm sentimentos positivos, mas, sob e sobre ele, o mal encontra-se presente, não acidentalmente, mas essencialmente. A origem do bem reside no homem, a do mal em deus. Neste sentido, para Saramago, a religião não seria já e apenas o marxista «ópio do povo», mas, sobretudo, a expressão condensada dos modos arbitrários de se cometer o mal e a Bíblia cristã o catálogo, se assim se pode dizer, da totalidade de todos os possíveis males, narrados alegórica ou simbolicamente. É justamente este inventário que, percorrendo o *Génese*, Saramago faz em *Caim*, demonstrando, assim, que a Bíblia, ainda que livro sagrado para a nossa civilização, não expõe uma teoria do bem, mas o registo de todos os males possíveis, atribuídos à plenipotência de deus ou do senhor (no sentido de proprietário da vida humana e seu pleno reitor).

Neste sentido, o romance *Caim* insere-se em perfeição na estratégia extra-literária de Saramago de desconstrução dos mitos fundadores da religião judaico-cristã e integra-se no conjunto dos seus textos publicados sobre esta temática, aliás, o narrador faz velada referência às consequências havidas para o autor devido à publicação do seu romance de 1991 (Saramago, 2009: 16). Numa palavra, após ter tentado desmontar o mito da origem divina de Cristo, em 1991, eis que, em *Caim*, Saramago se confronta com a pretensa origem divina do homem, subvertendo-a, não ao modo de Feuerbach-Marx (o homem criador de deus), mas à singular maneira saramaguiana e, de certo modo, nietzschiana: o homem

cristalizou na ideia de deus a ideia absoluta de mal, do mal absoluto, perfeita imagem do homem.

Em *Caim*, desmontando as grandes categorias teológicas em que assenta a visão bíblica do mundo, Saramago critica duramente tanto a pura espiritualidade de deus quanto a onipotência, a misericórdia e a transcendência divinas. À espiritualidade, Saramago opõe a sensibilidade e a materialidade naturais (a «língua do senhor»; o «corpo do senhor»; as «roupas do senhor»; a sexualidade presente nos anjos (*Ibid.*: 11, 37, 28); à onipotência, opõe o caprichismo quase infantil de deus, dotado de sentimentos de obstinação, ressentimento, inveja, concorrência com o poder e o prestígio de outros deuses (*Ibid.*: 106); à misericórdia, contrapõe a «profunda maldade do senhor» (*Ibid.*: 106), fundada num espírito oscilante e vingativo; à transcendência divina, Saramago ostenta a imanência histórica e social a que deus se encontra vinculado (ou, melhor, a «ideia» de deus), o deus de um povo contra os deuses de outros povos, diferenciando-se as suas características conceptuais segundo os tempos humanos.

Neste sentido, *Caim* representa, ficcionalmente, o puro retrato da maldade que deus inoculou no homem. Não tem salvação Caim porque não tem salvação o Homem, assim crismado por deus. No final, Caim, confrontando deus com a sua maldade, assassina a família de Noé, forçando este a suicidar-se. E assim, após o Dilúvio, desaparece o Homem da face da terra. Não pode haver futuro para um homem assim tão feroz e malvado. A humanidade auto-extingue-se – é um cepticismo absoluto elevado a pessimismo.

7. A VISÃO FILOSÓFICA HUMANISTA

Descrente da benignidade do homem, não acreditando existir redenção possível para a humanidade, em *Ensaio sobre a Cegueira* espelhará uma ideia central: «Se a ética não governar a razão, a razão desprezará a ética...» (Saramago, 2017b: 144). Este romance e o final apocalíptico de *Caim* constituem os dois momentos mais altos do fortíssimo cepticismo e pessimismo éticos do autor. Para Saramago, a Razão, outrora fonte de verdade iluminista, teria mesmo desprezado a ética, dispondo as forças da ciência, da tecnologia, da economia e da política ao serviço uma minoria condutora do mundo tendo em vista a exploração geral dos povos.

No final de 1991, Saramago concedeu uma importante entrevista à revista

portuguesa *Ler*. É a primeira vez que fala aberta e publicamente sobre os acontecimentos ligados à queda do Muro de Berlim em 1989 e à implosão da URSS em 1991. Declara que o modelo do socialismo/comunismo soviético falhou: «Podemos dar-lhe os nomes que quisermos, socialismo científico, socialismo real, mas os factos estão aí, a dizê-lo e a prová-lo calmamente: o modelo real falhou». Mas corrobora: «A ideia, o ideal comunista, não nasceu ontem, não nasceu com Lenine, com Marx. Acompanhou o Homem desde o início de tudo, desde o início dos tempos. O facto de os recentes acontecimentos na URSS apontarem claramente para um caminho que se situa fora da área do comunismo, não quer dizer que o comunismo tenha acabado (...) O ideal não morre. Sobreviverá, disso tenho a certeza, e haverá tempo para pensar nele noutra escala, noutras condições». Note-se que, nesta entrevista, existe uma deslocação semântica da palavra «socialismo» – não já o real, que porventura nem socialismo verdadeiro terá sido, mas o «ideal». Saramago projecta para o futuro a realização de um socialismo/comunismo que, como fundamento e motor da igualdade entre os homens, sempre terá existido como «ideal» (*Ler*, 1991).

O marxismo, como filosofia criadora do socialismo e do comunismo, é agora percebido como actualização do ideal de igualdade humana e de justiça social no tempo da Revolução Industrial e prosseguido até ao final do século XX.

Com o enfraquecimento da adesão a uma visão marxista do mundo, Saramago encontra na defesa dos Direitos humanos o único modo ético que poderá obstar a que os homens se exterminem mutuamente em guerras permanentes. Para além de pequenas intervenções, é no segundo discurso da recepção do Prémio Nobel, pronunciado em 10 de Dezembro de 1998, que Saramago apresenta a sua nova visão ética: a valorização e o cumprimento universal dos Direitos Humanos como único factor de entendimento político nacional e internacional (Viel, 2018: 161 – 163). Se os preceitos da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) fossem cumpridos, tornados letra de lei constitucional em todos os países, não se resolveriam todos os casos de injustiça e conflito no mundo, mas contribuiriam fortemente para o primado da ética e, portanto, da paz, nas relações entre os países e na relação do Estado de cada país com a sua população. Saramago quer dizer que, não agravando a situação actual, pelo contrário melhorando-a, uma nova política é possível tendo os Direitos Humanos como instrumento principal.

Saramago, porém, não tem ilusões: «A Declaração Universal é geralmente considerada pelos poderes económicos e pelos poderes políticos, mesmo quando presumem de democráticos, como um documento cuja importância não vai muito além do grau de boa

consciência [moral] que lhes proporcione» (*Ibid.*: 162). Por isso, acrescenta que desde 1948 «Não parece que os Governos tenham feito pelos direitos humanos tudo aquilo a que, moralmente, quando não por força da lei, estavam obrigados. As injustiças multiplicam-se no mundo, as desigualdades agravam-se, a ignorância cresce, a miséria alastra. A mesma esquizofrénica humanidade que é capaz de enviar instrumentos a um planeta para estudar a composição das suas rochas, assiste indiferente à morte de milhões de pessoas pela fome. Chega-se mais facilmente a Marte neste tempo do que ao nosso próprio semelhante» (*Ibid.*).

Em Junho de 2007 é criada a Fundação José Saramago. Destina-se a estudar e divulgar a obra do seu fundador, mas também a de lutar pela promoção o geral da justiça no mundo por via da aplicação da Carta dos Direitos do Homem, de 1948, e pela promoção activa dos direitos ambientais.

A Fundação José Saramago, tanto quanto interpretamos os seus estatutos e as declarações iniciais de Pilar del Río e de José Saramago, nasceu, não apenas como um centro de estudo da obra do seu patrono, mas, sobretudo, como uma instituição cultural vocacionada para intervir na sociedade, promovendo os direitos humanos, os valores ambientais e a necessidade de, onde reina uma razão tecnológica cega, promover um sentido ético de existência, provocando as consciências. A perda de um sentido ético da existência, causa suprema da escrita de *Ensaio sobre a Cegueira*, significa o fim de uma ideia cultural e civilizacional de Europa firmada mais na ética grega e menos na romana, mais nos valores cristãos franciscanos e menos nos valores papistas e institucionais da Igreja, mais nos valores da razão moderna científica e menos na adoração medieval de um deus transcendente, mais nos valores do mundo do trabalho erguido pela Revolução Industrial do século XIX e menos na exploração mercantil de um mundo global capitalista – é neste mundo inexistente, suplantado por uma tecnocracia dominante, envolvida por um capitalismo financeiro mundial, que Saramago, ainda que permanecendo céptico sobre o destino da humanidade, pensa que a defesa dos Direitos Humanos pode significar a diferença entre a barbárie retratada no seu romance de 1985 e um mundo mais humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aguilera, Fernando Gómez (2008): *José Saramago: A Consistência dos Sonhos*. Lisboa, Ed. Caminho
- Saramago, José (1986): *Objecto Quase* [1978], Lisboa, Ed. Caminho.
- Saramago, José (1990): *Os Apontamento. Crónicas Políticas* [1976], Lisboa, Ed. Caminho.
- Saramago, José (1991): «Entrevista» de Francisco José Viegas a José Saramago, Lisboa, *Ler*, n° 16, Out. – Dez.
- Saramago, José (1997): *Terra do Pecado* [1947], Lisboa Ed. Caminho
- Saramago, José (2009): *Caim*, Lisboa Ed. Caminho
- Saramago, José (2013): *A Pedra e a Estátua* [1997], Lisboa, Fundação José Saramago
- Saramago, José (2017a): *Cadernos de Lanzarote IV* [1998], Porto, Porto Editora
- Saramago, José (2017b): *Cadernos de Lanzarote III* [1996], Porto, Porto Editora
- Viel, Ricardo (2018): *Um País Levantado em Alegria*, Porto, Porto Editora.



SOBRE EL AUTOR

Miguel Real

Membro do CLEPUL – Centro e Literaturas e Culturas Europeias e Lusófonas da Universidade e Lisboa (Faculdade de Letras de Lisboa). Publicações: *O Teatro na Cultura Portuguesa do Século XX* (2016), *Nova Teoria do Pecado* (2017), *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa* (2017) e *Fátima e a Cultura Portuguesa* (2018). Recebeu o Prémio Revelação Ficção da As. Port. de Escritores; Prémio revelação de Ensaio da As. Port. de Escritores; Prémio Fernando Namora de Literatura; Prémio Ficção Ler/Círculo de Leitores; Prémio Ficção da Sociedade Portuguesa de Autores, Prémio Jacinto do Prado Coelho da Associação Portuguesa de Críticos Literários e, em conjunto com Filomena Oliveira, o Grande Prémio de Teatro do Teatro Aberto/Sociedade Portuguesa de Autores.

Contact information: E-mail: mrealpt@gmail.com